



O CÃO SEM PLUMAS

João Cabral de Melo Neto

Por: Welis Couto

Um estudo crítico da obra de João Cabral de Melo Neto, que vai além de *Morte e Vida Severina*



2000

I

Cientista da palavra, João Cabral de Melo Neto descreve a paisagem do Capibaribe e seu caminho para o mar. Em sua trajetória, o rio leva os dejetos podres e pobres, qual é o povo nordestino.

A história desse rio é a história do nordestino: pobre, desnutrido, fraco e rejeitado; convivendo na sua simplicidade, com os grandes usineiros do açúcar.

João Cabral inova na forma de escrever quando rejeita a retórica desvairada e compõe a palavra esvaziada, direta, arquitetando o seu texto qual um talentoso engenheiro. A palavra pétrea cria, porém, vida e forma na construção aguçada de João Cabral.

"O Cão sem plumas" é composto em quatro partes, sendo que as duas primeiras têm o mesmo título: "Paisagem do Capibaribe". Já no início do poema, João Cabral dá a idéia exata de sua composição com um traspassamento de coisas e objetos se entrelaçando em uma comparação metafórica.

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro:
uma fruta
por uma espada

Vê-se a fria comparação de João Cabral: assim como os cachorros passam pelas ruas, sujos e despercebidos, o rio, da mesma forma, passa pela cidade. Nessa calmaria, há o brusco movimento de uma espada perfurando a maçã.

Na mistura de coisas animadas: cachorro e rio, enquanto movimento; e inanimadas: cidade, fruta e espada; entre o fabricado: espada e cidade; e o natural: fruta, rio e cachorro, vêem-se que, no animado e no natural estão o rio e o cachorro. Portanto, o rio é igual ao cachorro.

Nessa comparação: rio - cachorro, o poeta caracteriza o movimento do Capibaribe.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Sendo o rio um cão, às vezes ele arrasta o próprio cão no seu trajeto, momento em que o rio se torna mais denso e morno, ondulando como uma cobra.

Como às vezes
passa com os cães
parecia o rio estagnar-se.
Suas águas fluíam então
mais densas e mornas:
fluíam com as ondas
densas e mornas
de uma cobra.

O rio é, ainda, o próprio povo nordestino, é a calma daquele povo estagnado e o seu sofrimento:

Ele tinha algo, então,
da estagnação de um louco.
Algo da estagnação
do hospital, da penitenciária, dos asilos.
Da vida suja e abafada
(de roupa suja e abafada)
por onde se veio arrastando.

Entretanto, o rio conheceu, também, a opulência dos ovos gordos, em oposição à miséria anterior. Mas, esses senhores opulentos lhe dão as costas e o ignoram.

É nelas.

mas de costas para o rio,
que as grandes "famílias espirituais" da cidade
chocam os ovos gordos
de sua prosa.

Rolando densamente e carregando os dejetos por onde passa, será que aquele rio conheceu a beleza e a alegria? O poeta ironiza o real e o imaginário, pois que nos mapas ele vinha pintado de azul.

Aquele rio saltou alegre em alguma parte?
Foi canção ou fonte
em alguma parte?
Por que então seus olhos
vinham pintados de azul nos mapas?

Paisagem do Capibaribe II - O poeta retoma a imagem do início do poema, entretanto, desaparecem a cidade e a maçã, pois, aqui, o poeta está mais voltado para o homem ribeirinho, as casas ribeirinhas e a lama das casas e dos homens ribeirinhos.

Entre a paisagem
(fluía)
de homens plantados na lama
plantados em ilhas
coagulados na lama:

A imagem do cão associa-se à do homem ribeirinho, com suas barbas e cabelos encarapinhados de lama.

O rio sabia
daqueles homens sem plumas.
Sabia
de suas barbas expostas,
de seu doloroso cabelo
de camarão e estopa.

Novamente o contraste é estampado nesta passagem em que o rio de tudo tem ciência. O homem ribeirinho versus os grandes usineiros com seus imensos galpões à beira do cais.

Ele sabia também
dos grandes galpões da beira do cais
(onde tudo
é uma imensa porta
sem portas)
escancarados
aos horizontes que cheiram a gasolina

Os excluídos das grandes "famílias espirituais" que o autor citou no final da primeira parte, terá toda essa segunda parte dedicada a eles. Buscando sempre a comparação metafórica, João Cabral vai caracterizar o nordestino, que é um cão sem plumas, e que se identifica com o rio e a lama. A lama do rio, a lama no homem e o homem na lama.

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,

onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.

Contudo, não há uma sinergia perfeita entre o homem - rio, pois o poeta se indaga se aquele homem é mesmo um homem, ou uma deturpação do homem, cuja vida é uma luta insana pela sobrevivência.

Difícil é saber
se aquele homem
já não está
mais aquém do homem;
mais aquém do homem
ao menos capaz de roer
os ossos do ofício;
capaz de sangrar
na praça;
capaz de gritar
se a moenda lhe mastiga o braço.

À chegada do rio, o mar tende a rejeitá-lo, a rejeitar suas imundícies e a contaminação das impurezas, da miséria, assim como o homem rejeita o outro homem; o Brasil rejeita o nordeste.

Primeiro, o mar devolve o rio.
Fecha o mar ao rio
seus brancos lençóis.
O mar se fecha
a tudo o que no rio
são flores de terra,
imagem de cão ou mendigo.

O mar, na sua soberania, invade o rio, tentando mostrar a sua superioridade sobre este e sobre todas as coisas que o rio carrega da terra. Persiste a tentativa de evitar a contaminação do mar pelo rio.

Depois

o mar invade o rio

Quer

o mar

destruir no rio

suas flores de terra inchada,

Novamente a superioridade do mar se mostra na estrofe seguinte, como se o mar ficasse a policiar tudo o que é jogado em seu dorso, buscando sempre a sensação de limpeza, devolvendo à praia aquilo que lhe é estranho.

Uma bandeira

que tivesse dentes;

que o mar está sempre

com seus dentes e seu sabão

roendo suas praias.

O mar é autófago e se destrói; ao contrário do rio que dissolve as suas margens e carrega-as para o mar.

O mar e seu incenso

o mar e seus ácidos.

O mar e a boca de seus ácidos.

O mar e seu estômago

que come e se come,

Conhecedor do poder do mar, o rio parece se preparar para a batalha e antes de seguir seu curso, ele descansa nos mangues. Os manguezais trazem a conotação da vida, da sobrevivência da fauna e das frutas, na seqüência dos ciclos da vida.

Mas antes de ir ao mar
o rio se detém
em mangues de água parada.

Mas, o rio não está só nessa luta desigual, e a solidariedade se faz presente no poema: a solidariedade dos marginalizados.

Junta-se o rio
a outros rios.
Juntos,
todos os rios
preparam sua luta
de água parada,
sua luta
de fruta parada.

Fábula do Capibaribe - parte III - Essa parte relata a batalha que o rio mantém com o mar. Desaparecem, portanto, a figura do cão e do homem e surge a figura da espada, pois a luta, desigual, traz uma comparação velada. Assim como o rio é rejeitado pelo mar, o nordestino, humilde e pobre, é rejeitado pela sociedade.

A cidade é fecundada
por aquela espada
que se derrama,
por aquela úmida gengiva de espada.

O mar é visto em posição superior e antagônica ao rio. Pois, se o rio carrega as imundícies que estão à sua margem, o oceano, onipotente, se apresenta claro e limpo.

No extremo do rio
o mar se estendia,
como camisa ou lenço,

sobre seus esqueletos de areia lavada.

Ainda, o mar é colocado como uma bandeira, pelo respeito que ele impõe. Podemos, aí, presenciar uma metáfora velada: o rio é um cachorro; o mar é uma bandeira. Novamente a oposição rio/cachorro (animal comum, despercebido) - mar/bandeira (grandiosidade e respeito).

Como o rio era um cachorro,
o mar podia ser uma bandeira
azul e branca
desdobrada
no extremo do curso

Discurso do Capibaribe - parte IV - Nesta parte, o poeta mostra que o rio está presente na memória do pernambucano, o rio que se confunde com a saga daquele povo. Cumprido o trajeto do rio, João Cabral avalia o seu curso e analisa a existência do Capibaribe como um prosseguimento do nordestino. Como em todo o poema, João Cabral foge da metáfora pura e continua a fazer uso da comparação metafórica.

Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo da camisa,
da pele.

Voltam as imagens do cão e da maçã, numa gradação constante até chegar ao homem e retomar a biodinâmica rio - homem.

Como todo real é espesso.

Aquele rio

é espesso e real.

(...)

Como é mais espesso

um homem

do que o sangue de um cachorro.

Como é muito mais espesso

o sangue de um homem

do que o sonho de um homem.

Continuando a conceituação do Capibaribe, ele traz consigo a vida que se multiplica, a vida que gera mais vida, mesmo sendo árdua a luta constante que, como uma ave vai conquistando o seu vôo.

Porque é muito mais espessa

a vida que se desdobra

em mais vida

como uma fruta

é mais espessa

que sua flor;

.....

porque é mais espessa

a vida que se luta

cada dia,

o dia que se adquire

cada dia

(como uma ave

que vai cada segundo

conquistando seu vôo).

O CÃO SEM PLUMAS

João Cabral de Melo Neto

I. Paisagem do Capibaribe

*A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.*

*O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.*

*Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.*

*Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos polvos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.*

*Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho,
à inquietação de faca
que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.*

*Abre-se em flores
pobres e negras
como negros.
Abre-se numa flora
suja e mais mendiga
como são os mendigos negros.*

*Abre-se em mangues
de folhas duras e crespas
como um negro.*

*Liso como o ventre
de uma cadela fecunda,
o rio cresce
sem nunca explodir.
Tem, o rio,
um parto fluente e invertebrado
como o de uma cadela.*

*E jamais o vi ferver
(como ferve
o pão que fermenta).
Em silêncio,
o rio carrega sua fecundidade pobre,
grávido de terra negra.*

*Em silêncio se dá:
em capas de terra negra,
em botinas ou luvas de terra negra
para o pé ou a mão
que mergulha.*

*Como às vezes
passa com os cães,
parecia o rio estagnar-se.
Suas águas fluíam então
mais densas e mornas;
fluíam com as ondas
densas e mornas
de uma cobra.*

*Ele tinha algo, então,
da estagnação de um louco.
Algo da estagnação
do hospital, da penitenciária, dos asilos,
da vida suja e abafada
(de roupa suja e abafada)
por onde se veio arrastando.*

*Algo da estagnação
dos palácios cariados,
comidos
de mofo e erva-de-passarinho.
Algo da estagnação
das árvores obesas*

*pingando os mil açúcares
das salas de jantar pernambucanas,
por onde se veio arrastando.*

*(É nelas,
mas de costas para o rio,
que "as grandes famílias espirituais" da cidade
chocam os ovos gordos
de sua prosa.
Na paz redonda das cozinhas,
ei-las a revolver viciosamente
seus caldeirões
de preguiça viscosa).*

*Seria a água daquele rio
fruta de alguma árvore?
Por que parecia aquela
uma água madura?
Por que sobre ela, sempre,
como que iam pousar moscas?*

*Aquele rio
saltou alegre em alguma parte?
Foi canção ou fonte
Em alguma parte?
Por que então seus olhos
vinham pintados de azul
nos mapas?*

II. Paisagem do Capibaribe

*Entre a paisagem
o rio fluía
como uma espada de líquido espesso.
Como um cão
humilde e espesso.*

*Entre a paisagem
(fluía)
de homens plantados na lama;
de casas de lama
plantadas em ilhas
coaguladas na lama;
paisagem de anfíbios
de lama e lama.*

*Como o rio
aqueles homens*

*são como cães sem plumas
(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;
é mais
que um cão assassinado.*

*Um cão sem plumas
é quando uma árvore sem voz.
É quando de um pássaro
suas raízes no ar.
É quando a alguma coisa
roem tão fundo
até o que não tem).*

*O rio sabia
daqueles homens sem plumas.
Sabia
de suas barbas expostas,
de seu doloroso cabelo
de camarão e estopa.*

*Ele sabia também
dos grandes galpões da beira dos cais
(onde tudo
é uma imensa porta
sem portas)
escancarados
aos horizontes que cheiram a gasolina.*

*E sabia
da magra cidade de rolha,
onde homens ossudos,
onde pontes, sobrados ossudos
(vão todos
vestidos de brim)
secam
até sua mais funda caliça.*

*Mas ele conhecia melhor
os homens sem pluma.
Estes
secam
ainda mais além
de sua caliça extrema;
ainda mais além
de sua palha;
mais além*

da palha de seu chapéu;
mais além
até
da camisa que não têm;
muito mais além do nome
mesmo escrito na folha
do papel mais seco.

Porque é na água do rio
que eles se perdem
(lentamente
e sem dente).
Ali se perdem
(como uma agulha não se perde).
Ali se perdem
(como um relógio não se quebra).

Ali se perdem
como um espelho não se quebra.
Ali se perdem
como se perde a água derramada:
sem o dente seco
com que de repente
num homem se rompe
o fio de homem.

Na água do rio,
lentamente,
se vão perdendo
em lama; numa lama
que pouco a pouco
também não pode falar:
que pouco a pouco
ganha os gestos defuntos
da lama;
o sangue de goma,
o olho paralisado
da lama.

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele

começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.

Difícil é saber
se aquele homem
já não está
mais aquém do homem;
mais aquém do homem
ao menos capaz de roer
os ossos do ofício;
capaz de sangrar
na praça;
capaz de gritar
se a moenda lhe mastiga o braço;
capaz
de ter a vida mastigada
e não apenas
dissolvida
(naquela água macia
que amolece seus ossos
como amoleceu as pedras).

III. Fábula do Capibaribe

A cidade é fecundada
por aquela espada
que se derrama,
por aquela
úmida gengiva de espada.

No extremo do rio
o mar se estendia,
como camisa ou lençol,
sobre seus esqueletos
de areia lavada.

(Como o rio era um cachorro,
o mar podia ser uma bandeira
azul e branca
desdobrada
no extremo do curso
— ou do mastro — do rio.

Uma bandeira
que tivesse dentes:
que o mar está sempre
com seus dentes e seu sabão

roendo suas praias.

Uma bandeira
que tivesse dentes:
como um poeta puro
polindo esqueletos,
como um roedor puro,
um polícia puro
elaborando esqueletos,
o mar,
com afã,
está sempre outra vez lavando
seu puro esqueleto de areia.

O mar e seu incenso,
o mar e seus ácidos,
o mar e a boca de seus ácidos,
o mar e seu estômago
que come e se come,
o mar e sua carne
vidrada, de estátua,
seu silêncio, alcançado

à custa de sempre dizer
a mesma coisa,
o mar e seu tão puro
professor de geometria).

O rio teme aquele mar
como um cachorro
teme uma porta entretanto aberta,
como um mendigo,
a igreja aparentemente aberta.

Primeiro,
o mar devolve o rio.
Fecha o mar ao rio
seus brancos lençóis.
O mar se fecha
a tudo o que no rio
são flores de terra,
imagem de cão ou mendigo.

Depois,
o mar invade o rio.
Quer
o mar
destruir no rio

suas flores de terra inchada,
tudo o que nessa terra
pode crescer e explodir,
como uma ilha,
uma fruta.

Mas antes de ir ao mar
o rio se detém
em mangues de água parada.
Junta-se o rio
a outros rios
numa laguna, em pântanos
onde, fria, a vida ferve.

Junta-se o rio
a outros rios.
Juntos,
todos os rios
preparam sua luta
de água parada,
sua luta
de fruta parada.

(Como o rio era um cachorro,
como o mar era uma bandeira,
aqueles mangues
são uma enorme fruta:

A mesma máquina
paciente e útil
de uma fruta;
a mesma força
invencível e anônima
de uma fruta
— trabalhando ainda seu açúcar
depois de cortada —.

Como gota a gota
até o açúcar,
gota a gota
até as coroas de terra;
como gota a gota
até uma nova planta,
gota a gota
até as ilhas súbitas
aflorando alegres).

IV. Discurso do Capibaribe

Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo da camisa,
da pele.

Um cão, porque vive,
é agudo.
O que vive
não entorpece.
O que vive fere.
O homem,
porque vive,
choca com o que vive.
Viver
é ir entre o que vive.

O que vive
incomoda de vida
o silêncio, o sono, o corpo
que sonhou cortar-se
roupas de nuvens.
O que vive choca,
tem dentes, arestas, é espesso.
O que vive é espesso
como um cão, um homem,
como aquele rio.

Como todo o real
é espesso.
Aquele rio
é espesso e real.
Como uma maçã
é espessa.
Como um cachorro
é mais espesso do que uma maçã.
Como é mais espesso
o sangue do cachorro
do que o próprio cachorro.
Como é mais espesso
um homem

do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais espesso
o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.

Espesso
como uma maçã é espessa.
Como uma maçã
é muito mais espessa
se um homem a come
do que se um homem a vê.
Como é ainda mais espessa
se a fome a come.
Como é ainda muito mais espessa
se não a pode comer
a fome que a vê.

Aquele rio
é espesso
como o real mais espesso.
Espesso
por sua paisagem espessa,
onde a fome
estende seus batalhões de secretas
e íntimas formigas.

E espesso
por sua fábula espessa;
pelo fluir
de suas geléias de terra;
ao parir
suas ilhas negras de terra.

Porque é muito mais espessa
a vida que se desdobra
em mais vida,
como uma fruta
é mais espessa
que sua flor;
como a árvore
é mais espessa
que sua semente;
como a flor
é mais espessa
que sua árvore,
etc. etc.

Espesso,

*porque é mais espessa
a vida que se luta
cada dia,
o dia que se adquire
cada dia
(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu vôo).*

III. Fábula do Capibaribe

A cidade é fecundada
por aquela espada
que se derrama,
por aquela
úmida gengiva de espada.

No extremo do rio
o mar se estendia,
como camisa ou lençol,
sobre seus esqueletos
de areia lavada.

(Como o rio era um cachorro,
o mar podia ser uma bandeira
azul e branca
desdobrada
no extremo do curso
— ou do mastro — do rio.

Uma bandeira
que tivesse dentes:
que o mar está sempre
com seus dentes e seu sabão
roendo suas praias.

Uma bandeira
que tivesse dentes:
como um poeta puro
polindo esqueletos,
como um roedor puro,
um polícia puro
elaborando esqueletos,
o mar,
com afã,
está sempre outra vez lavando
seu puro esqueleto de areia.

O mar e seu incenso,
o mar e seus ácidos,
o mar e a boca de seus ácidos,
o mar e seu estômago
que come e se come,
o mar e sua carne
vidrada, de estátua,
seu silêncio, alcançado
à custa de sempre dizer
a mesma coisa,
o mar e seu tão puro
professor de geometria).

O rio teme aquele mar
como um cachorro
teme uma porta entretanto aberta,
como um mendigo,
a igreja aparentemente aberta.

Primeiro,
o mar devolve o rio.
Fecha o mar ao rio
seus brancos lençóis.
O mar se fecha
a tudo o que no rio
são flores de terra,
imagem de cão ou mendigo.

Depois,
o mar invade o rio.
Quer
o mar
destruir no rio
suas flores de terra inchada,
tudo o que nessa terra
pode crescer e explodir,
como uma ilha,
uma fruta.

Mas antes de ir ao mar
o rio se detém
em mangues de água parada.
Junta-se o rio
a outros rios
numa laguna, em pântanos
onde, fria, a vida ferve.

Junta-se o rio

a outros rios.
Juntos,
todos os rios
preparam sua luta
de água parada,
sua luta
de fruta parada.

(Como o rio era um cachorro,
como o mar era uma bandeira,
aqueles mangues
são uma enorme fruta:

A mesma máquina
paciente e útil
de uma fruta;
a mesma força
invencível e anônima
de uma fruta
— trabalhando ainda seu açúcar
depois de cortada —.

Como gota a gota
até o açúcar,
gota a gota
até as coroas de terra;
como gota a gota
até uma nova planta,
gota a gota
até as ilhas súbitas
afloando alegres).

IV. Discurso do Capibaribe

*Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo da camisa,
da pele.*

*Um cão, porque vive,
é agudo.
O que vive*

*não entorpece.
O que vive fere.
O homem,
porque vive,
choca com o que vive.
Viver
é ir entre o que vive.*

*O que vive
incomoda de vida
o silêncio, o sono, o corpo
que sonhou cortar-se
roupas de nuvens.
O que vive choca,
tem dentes, arestas, é espesso.
O que vive é espesso
como um cão, um homem,
como aquele rio.*

*Como todo o real
é espesso.
Aquele rio
é espesso e real.
Como uma maçã
é espessa.
Como um cachorro
é mais espesso do que uma maçã.
Como é mais espesso
o sangue do cachorro
do que o próprio cachorro.
Como é mais espesso
um homem
do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais espesso
o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.*

*Espesso
como uma maçã é espessa.
Como uma maçã
é muito mais espessa
se um homem a come
do que se um homem a vê.
Como é ainda mais espessa
se a fome a come.
Como é ainda muito mais espessa
se não a pode comer
a fome que a vê.*

Aquele rio
é espesso
como o real mais espesso.
Espesso
por sua paisagem espessa,
onde a fome
estende seus batalhões de secretas
e íntimas formigas.

E espesso
por sua fábula espessa;
pelo fluir
de suas geléias de terra;
ao parir
suas ilhas negras de terra.

Porque é muito mais espessa
a vida que se desdobra
em mais vida,
como uma fruta
é mais espessa
que sua flor;
como a árvore
é mais espessa
que sua semente;
como a flor
é mais espessa
que sua árvore,
etc. etc.

Espesso,
porque é mais espessa
a vida que se luta
cada dia,
o dia que se adquire
cada dia
(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu vôo).